

O SENTIMENTO DE SÍSIFO: EXPERIÊNCIAS DE NÃO EMPREGO SUBJETIVADAS POR ADULTOS SOBREQUALIFICADOS

*José Pedro Amorim**

*Joaquim Azevedo***

*Luís Imaginário****

*Joaquim Luís Coimbra*****

RESUMO: Nas sociedades ocidentais contemporâneas, parece assistir-se a um agravamento do sentimento de incerteza, a uma diminuição da coesão social e, simultaneamente, a um aumento das alternativas vocacionais e das possibilidades de escolha. O objetivo da investigação cujo projeto aqui se apresenta tem que ver, então, com a forma como os adultos licenciados (ou com qualificação superior) se percebem face a situações de não emprego, ou seja, quando não conseguem obter emprego no seu nível e/ou área de formação. Para além disso, importará compreender quais as estratégias implementadas pelos sujeitos para lidar com essas transições desenvolvimentais. Pensa-se que este trabalho se reveste de pertinência científica, porquanto é um problema pouco estudado em Portugal, e social, também, pelo facto de se referir a um conjunto significativo de desempregados, a que acrescem os números de “inativos” (disponíveis e desencorajados) e do subemprego (visível e percebido) não contabilizados nas estatísticas oficiais.

PALAVRAS-CHAVE: sobrequalificação, ensino superior, emprego, educação e formação de adultos.

* Universidade Católica Portuguesa. Investigador com Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/63677/2009) (jamorim@porto.ucp.pt).

** Universidade Católica Portuguesa (jazevedo@porto.ucp.pt).

*** Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Limaginario@netcabo.pt).

**** Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (jcoimbra@fpce.up.pt).

(...) vê-se o rosto crispado, a face colada à pedra, o socorro de um ombro que recebe o choque dessa massa coberta de barro, de um pé que a escora, os braços que de novo empurram, a segurança bem humana de duas mãos cheias de terra. No termo desse longo esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a finalidade está atingida. Sísifo vê então a pedra resvalar em poucos instantes para esse mundo inferior, de onde será preciso trazê-la de novo para os cimos. E desce outra vez à planície.

É durante este regresso, esta pausa, que Sísifo me interessa. (...)

Se este mito é trágico, é porque o seu herói é consciente. Onde estaria, com efeito, a sua tortura se a cada passo a esperança de conseguir o ajudasse?

Camus, 1948/2005: 112

A própria luta para atingir os píncaros basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.

Camus, 1948/2005: 112

1. ESTADO DA ARTE

Incerteza, risco, instabilidade, turbulência, flexibilidade, inconstância, flutuação, descontinuidade, reversibilidade, impermanência, vulnerabilidade, imprevisibilidade, indeterminação, recorrência, precariedade, desregulamentação. É com recurso, designadamente, a estes epítetos, variegados mas quase sinónimos, que, cada vez mais, se descreve o *Zeitgeist* das modernas sociedades ocidentais (*vd.*, por exemplo, Azevedo, 1999b; Beck, Giddens & Lash, 2000; Carneiro, 2000; Casanova, Pacheco & Coimbra, 2010; Coimbra, 1997/1998; 2005; Delors *et al.*, 1996; Feller & Walz, 1997; Freire, 1974; Law, 1991; Marris, 1996; Pais, 2001; Sennett, 2001).

Neste contexto, não esquecendo a sua escassez, um fator que assume especial centralidade é, parece inquestionável, a precariedade e a falta de qualidade de numerosos dos empregos disponíveis. De tal forma, que há quem propale ou preconize uma revolução económico-social que resulte, por um lado, no reconhecimento do trabalho imaterial enquanto criador de riqueza e, por outro, no aumento da sua proporção relativamente ao trabalho material, o da produção de bens físicos, nomeadamente (Gorz, 2003).

As “metamorfoses do trabalho” (Gorz, 1989), a automação e a informatização dos modos de produção, bem como o emagrecimento organizacional em nome do aumento da produtividade, da competitividade, da eficiência, do lucro, fazem com que se constanja aceleradamente o espaço

reservado ao homem produtor, à força global de trabalho (Rifkin, 1996). Dizia Hannah Arendt que o “que se nos depara, portanto, é a possibilidade de uma sociedade de trabalhadores sem trabalho, isto é, sem a única atividade que [nos] resta” (Arendt, 1958/2001: 16).

Nesse sentido, há autores que defendem a atribuição de rendas de cidadania que, pese embora algumas diferenças específicas ao nível dos contornos da atribuição, representariam uma garantia de sobrevivência (Gorz, 1989; 2003; Rifkin, 1996; Suplicy, 2002; Watts, 1984).¹ Será exequível “um sistema pelo qual se recolha mais dos que mais têm, a fim de, então, se assegurar a todos o suficiente para viver com dignidade” (Suplicy, 2002: 34)? O grande desafio do homem contemporâneo é, como dizia Agostinho da Silva, transmutar os exércitos de produção em exércitos da distribuição.

Para Sennett (2001), quando não há uma “narrativa partilhada da dificuldade”, nem tampouco um “destino partilhado” [expressão também usada por Bandura (1997: 2; 1999: 20)], “o carácter corrói-se” (Sennett, 2001: 224), “desorienta[-se] a acção a longo prazo, afrouxa[m-se] os laços de confiança [...] e divorcia[-se] a vontade do comportamento” (Sennett, 2001: 47). Evidente é que, num contexto social insofismavelmente desigual, a luta por autonomia, poder, controlo, liberdade de ação, (conta)mina a reciprocidade nas relações humanas, através da coerção sobre os mais vulneráveis, social, cultural ou economicamente, e resulta na produção de mais incerteza para estes, mas também para os outros, menos indefesos (Coimbra, 2005; Marris, 1996). Nietzsche disse que “os grandes homens [...] precisamente com aquilo que neles há de melhor, com aquilo de que são capazes, destroem muitos dos que são fracos, inseguros, que se encontram em devir, sem vontade própria; e, assim, são prejudiciais” (Nietzsche, 1882/1998: 45). Não pode esquecer-se, a propósito, que, historicamente, o *otium* (bem como o *negotium*) tem sido sustentado, em boa medida, à custa da escravidão (*vd.*, por exemplo, Gonçalves & Coimbra, 2002). Nietzsche defendia-a, recorrentemente, a favor da grandeza cultural, estética ou criativa, da super-humanidade de um conjunto ocioso e restrito de *olímpicos* todo-poderosos (Nietzsche, 1872/1998; 1882/1998; 1886/1987; 1887/2000). Será que os fins justificam todos os meios? Será que a capacidade criadora, uma das mais notáveis realizações humanas, só se torna possível pela subjugação de outrem?

De acordo com Sennett (2004), todos são merecedores de respeito (*stricto sensu*, um bem gratuito, ao contrário do alimento!), ainda que desi-

¹ Hipótese já levantada por Marcuse (1955) e interpretada como libertação do jugo do trabalho como imposição da sobrevivência.

guais e diversos nos talentos múltiplos que possuem, pelo que deve procurar desenvolver-se o melhor de todos e cada um e, assim, interconectá-los fortemente. Ou será inevitável, a manter-se a atual “razão económica”, uma estratificação social maniqueísta, na qual apenas uma “elite profissional” de decisores insubstituíveis acede aos privilégios decorrentes do exercício de uma atividade economicamente rendível, onde se contam, *inter alia*, a (possibilidade de) compra barata dos serviços de uma massa de serviços mal pagos (Gorz, 1989)? Não se assiste, pois, no presente, ao advento de novas e pós-industriais formas de escravidão, de sujeição a reduções salariais, aumentos da carga horária semanal, exigências de produtividade, desrespeitos sem-número de direitos (outrora) instituídos, em nome da autonomia, da independência económica, de um lugar na sociedade e, em súmula, do “luxo” de ter um emprego? E não estará grande parte dos desempregados “disponíveis” disposta a aceitar as mesmas “condições” ou, regra geral, piores ainda? Quantas vezes esse argumento é usado como forma de coação? É raro o processo negocial (quando tem lugar!) não redundar na rendição do trabalhador?

Se “a incerteza e o risco são invariantes da existência humana ao longo dos séculos” (Coimbra, 2005: 5), por que razão é que são sentidos como fenómenos “contemporâneos” (*op. cit.*)? A perda de poder das metanarrativas socioculturais, impositivas e inclusivas (religiosas, políticas, científico-tecnológicas), contribuiu, por um lado, para uma diminuição da coesão social [daí ser cada vez mais grave o problema das exclusões sociais (*vd.*, também, Costa, 1998)] e, por outro, para a emancipação dos indivíduos e o alargamento do leque de escolhas e opções pessoais (Coimbra, 2005). No plano vocacional, é muito maior o conjunto de alternativas de partida e chegada, exponenciadas que são as correspondências e combinações possíveis. Por sua vez, a educação perde o seu carácter exclusivo de anterioridade, já que são cada vez mais os momentos de vaivém entre educação, formação, trabalho, emprego e profissão (Azevedo & Castro, 1996). Não obstante, a experiência de incerteza sentida pelos sujeitos parece acentuada, em boa medida, pelo facto de não haver empregos para todos e, também, de ter vindo a fragilizar-se o vínculo volúvel com aqueles (poucos) que existem (situação que, aliás, tende a agravar-se) (Azevedo, 1999b; Azevedo & Castro, 1996; Gorz, 1989; Imaginário, 2001b; 2003; Imaginário *et al.*, 1998; Masi, 1999; Méda, 1999; Rifkin, 1996). E, de facto, só é possível conhecer a verdadeira dimensão do problema quando se analisa o desemprego a par de diversas “situações de *emprego precário*, tais como o emprego com contrato a termo, a tempo parcial involuntário, sem contrato (o chamado sistema do

‘recibo verde’), de baixos salários” (Costa, 1998: 59) e, por isso, “modalidades múltiplas de ‘luta pela vida’ (...) a que a linguagem comum se refere com as sugestivas expressões de ganchos, tachos e biscates” (Pais, 2001: 7).

Neste cenário de “caos vocacional”, que levanta graves escolhos ao desenvolvimento de uma carreira, à construção de uma identidade pessoal e de um percurso escolar e profissional (*vd.*, por exemplo, Azevedo, 1999b; Coimbra, 1997/1998; Imaginário, 2003; Riverin-Simard, 1996), emerge, como específico, o problema dos adultos altamente qualificados, isto é, licenciados, mestres e doutores, que se encontram inativos, desempregados ou subempregados. Para estes casos, não funciona (nem pode funcionar, por inadequado) o discurso dominante, política e até socialmente, que atribui a falta de emprego à falta de qualificação. O argumento está longe da irrefutabilidade, porquanto não se está na presença de um déficit de escolarização, de qualificação profissional, nem sequer de certificação, que importará suprir (com educação e formação), mas antes de um “excesso” de qualificações que não são absorvidas pelo mercado de trabalho.

Ganhar-se-á em complexidade, de resto, ao pôr o problema em termos de competências, na medida em que, neste quadro de transições permanentes entre formação, emprego e não emprego, documentos como o diploma ou o *curriculum vitae* deixaram de ser passaporte para carreiras previsivelmente ascensionais. Não é por acaso, aliás, que o modelo europeu de *curriculum vitae*, integrado no *Europass*, faz apelo a um conjunto de competências adquiridas por via não formal e informal que, por isso, não se encontram formalmente certificadas. De facto, é vastíssimo o espectro de competências de que os diplomados são portadores. Veja-se, por exemplo, como são díspares e, em certa medida, preocupantes, os resultados do estudo de literacia em Portugal, nomeadamente para aqueles que detêm esses diplomas (Benavente *et al.*, 1996). Deste ponto de vista, valeria a pena que as práticas de balanço de competências estivessem ao dispor de públicos formalmente altamente qualificados, à semelhança do que acontece em França, por exemplo (Imaginário, 2001a), na medida em que permitem aumentar extraordinariamente “a gama, a complexidade e as consequências das escolhas de cada um” (Azevedo & Castro, 1996).

E o problema agrava-se, por exemplo, para os imigrantes, cada vez em maior número em sociedades multiculturais, longe que estão de ver as suas competências, e até as suas qualificações, devidamente reconhecidas e validadas. Globalização? Mobilidade? Cidadania europeia? São inúmeras as questões por resolver e, tudo indica, a manter-se este rumo, perfilam-se mais problemas do que soluções. De facto, se custa “a compreender

e a aceitar como é que coexistem tantas necessidades de pessoas muito qualificadas por satisfazer e tantos diplomados deste nível desempregados” (Azevedo, 1999b: 120), pode estranhar-se, então, que um país com baixíssimas qualificações escolares se lamente do excesso de diplomados (Nóvoa, 2005).

Segundo Joaquim Azevedo, o “desemprego de diplomados pelo ensino superior e o seu aumento recente e contínuo constituem um dos aspectos mais inquietantes do presente da sociedade portuguesa” (Azevedo, 1999b: 83). Uns sublinham o não retorno do investimento realizado em educação e formação, outros o facto de “escola” e trabalho continuarem de “costas voltadas”, num desajustamento identificado, com recorrência, na literatura. Pela nossa parte, não queremos apostolar a “superstição” (Santa Rita, 1921, cit. in Nóvoa, 2005: 105) ou sequer a “doença do qualificacionismo” (Dore, 1978: ix), alinhar pela “empregomania” (Santa Rita, 1921, cit. in Nóvoa, 2005: 105), nem defender a educação e formação enquanto mera adaptação (Lima, 2003, mas também Amorim, 2004; Imaginário, 2005) ou dispositivo de emparelhamento do “homem certo para o lugar certo” (Law, 1991), quando, atualmente, se procura o “homem certo para o lugar incerto” (Crespo, Gonçalves & Coimbra, 2001).

Com efeito, uma das fontes do problema está no facto de estes longos percursos escolares terem preparado os aprendentes, na melhor das hipóteses, para serem empregados (Dore, 1978) e raramente (ou nunca) para o desemprego (Watts, 1984) – sem querer sugerir que a educação e a formação existem para o emprego, ou que se devem subordinar a ele. Dir-se-ia, retomando a linha discursiva de Azevedo (2004), que a ordem é educar (e ser educado) para o emprego, a desordem é ter de lidar com o desemprego e a eventual inutilidade de um diploma. Nesse sentido, ainda, a ordem terá de enfrentar a desordem, transformar adaptativamente os aprendentes envolvidos em processos de aprendizagem ao longo da vida, proporcionar muito mais do que a preparação para empregos que não existem. A ordem, em suma, terá de educar para a desordem.

A este problema não será alheio, além de variáveis demográficas, o exponencial *boom* do ensino superior, já que, em Portugal, na última década do século XX, o número anual de diplomados quase triplicou, passando de cerca de dezanove mil, em 1990, para mais de setenta mil, em 2005 (Azevedo, 2002; Observatório da Ciência e do Ensino Superior, s/d a). Também a Investigação e Desenvolvimento conheceu aumentos significativos: os doutoramentos realizados ou reconhecidos por universidades portuguesas passaram de 337, em 1990, para 1177, em 2005, ou seja,

em catorze anos, mais do que triplicaram (Observatório da Ciência e do Ensino Superior, s/d b).

É já comumente aceite que há uma desvalorização crescente dos diplomas (e das qualificações e das competências) de que os adultos são efetivamente portadores (Azevedo, 1999b; 2000; Coimbra, Parada & Imaginário, 2001; Imaginário, 2005), no quadro de uma, pelo menos aparente, tentativa de minorar a gravidade do problema, com recurso, designadamente, a dois vetores de argumentação: o primeiro tem que ver com a crença enraizada de que este é o problema dos “privilegiados”, daqueles que têm [supostamente, (quase) sempre!] acesso a empregos mais bem remunerados; o segundo, com “opções” estatísticas que resultam no “esquecimento” de parte significativa daqueles que não têm um emprego (*vd.*, por exemplo, Blanchard & Portugal, 1998; Pais, 2001): os “inativos disponíveis”, que pretendem trabalhar, estão disponíveis, mas não procuraram emprego nas últimas quatro semanas; os “inativos desencorajados”, que estão disponíveis para trabalhar, mas deixaram de procurar emprego; o “subemprego visível”, ou seja, aqueles que estão empregados, mas declaram a intenção de trabalhar mais horas, uma vez que a carga horária habitual é inferior à duração normal do posto de trabalho; finalmente, o “subemprego percebido”, isto é, relativo àqueles cujos empregos não correspondem ao seu nível e/ou área de formação e que, por isso, entendem que são portadores de mais competências (ou qualificações) do que aquelas que a sua função exige.

Além disso, o volume crescente de desempregados com o ensino superior acaba por exercer um efeito dissuasor sobre a procura de formação por parte de muitos jovens (d)e famílias desfavorecidas. Para eles, que lutam, as mais das vezes, para fazer face a graves situações de pobreza, não há como fugir à atração, pelo mercado de trabalho, de baixas qualificações, indiferenciação profissional e, claro, baixas remunerações – quando, para mais, o diploma surge transformado em “passaporte para o desemprego”. Contudo, e apesar de a educação e formação não se esgotar na promoção da profissionalidade e da empregabilidade (pese embora a sua centralidade), é certo que Portugal apresenta défices significativos de profissionais altamente qualificados, que os diplomados pelo ensino superior continuam a aceder aos melhores empregos e aos melhores salários e que, a despeito de os seus itinerários profissionais serem marcados por mais transições, maior instabilidade e turbulência (com efeitos mormente na vida familiar), a mobilidade ascendente é muito maior, num processo de ajustamento progressivo à escolaridade obtida (Azevedo, 2007a; 2007b; Azevedo & Fonseca, no prelo).

Porque carece de explicação a vertente metafórica do título, é importante referir que o mito de Sísifo permite uma leitura da relação evolutiva do homem com o trabalho. Domenico de Masi (1999) propõe uma análise otimista deste mito (que, no entanto, para já, não resolve o problema do sustento!), na medida em que defende que, nas modernas sociedades pós-industriais, Sísifo passa a poder contemplar, no cume do monte, “as máquinas que trabalham para ele” (Masi, 1999: 333). Significa que venceu, segundo o autor, a “fadiga física” de “erguer a enorme pedra, rolá-la e ajudá-la a levar a cabo uma subida cem vezes recomeçada” (Camus, 1948/2005: 110), numa aceção que encontra correspondência na “misteriosa ingenuidade do mundo pré-industrial” (Masi, 1999: 331). Venceu, outrossim, “o tormento mental da descida” (Masi, 1999: 332), a hora trágica da consciência, de saber como é terrível a punição de realizar um “trabalho inútil e sem esperança” (Camus, 1948/2005: 109), atribuível ao “mundo industrial” (Masi, 1999: 332). Todavia, o problema que aqui se levanta é que esse cume fértil e nutritivo onde está esse Sísifo criador e livre é demasiado exíguo – para suportar, ao menos, todos essoutros Sísifos que estão no sopé da montanha e que, sem pedra para carregar nem máquinas para comandar, vivem sujeitos aos recursos minguantes de uma terra sáfara.

Que autoconceitos crescem nestas condições? Que sentido dão estes indivíduos à sua vida e a si próprios? Qual o “sentimento de si” que assim se reconstrói (Damásio, 2000)? Que novas soluções são capazes de encontrar para o problema? Damásio diz, de resto, que os sentimentos possibilitam, pela “emergência da capacidade de antecipação e previsão de problemas[,] a [criação] de soluções novas e não estereotípicas” (Damásio, 2003: 97). Quais são, pois, os sentimentos que caracterizam a gestão psicológica desta situação? Que soluções novas podem ser implementadas pelos sujeitos?

A (sobre)vida humana (Damásio, 2003), o património identitário e idiosincrático de cada um, o “sentido de si” (Damásio, 2000) dependem, incontornavelmente, de permanentes e mais ou menos profundas transições desenvolvimentais, isto é, de descontinuidades e de reorganizações desencadeadas por conjuntos de acontecimentos normativos ou não, esperados ou imprevistos. As estratégias usadas em resposta aos diversos desafios (habitualmente designadas de *coping*) podem ser mais ou menos adaptativas ou estruturantes. Inge Seiffge-Krenke estabelece a distinção entre dois estilos principais de *coping*. O primeiro, disfuncional, poderá incluir esforços para desistir (*coping* desistente) ou negar a existência da causa produtora de stress, evitar procurar soluções e tentar regular emoções (*coping* evitante). Este estilo de *coping* resulta, então, na não resolução do problema num dado

momento. Já o segundo, funcional, compreende diversos esforços para lidar com um problema, tais como procurar suporte ativamente, empreender ações concretas (daí designar-se, também, *coping* ativo) ou refletir sobre possíveis soluções (*coping* interno). Implica, por isso, definir o problema, gerar soluções alternativas e agir – naquela que constitui uma mudança nos pressupostos, nas representações e na própria relação dos sujeitos com o mundo, nomeadamente ao nível das predições e do controlo (*vd.*, por exemplo, Amorim, 2004; Campos, 1993; Coimbra, 1991; Costa & Menezes, 1991; Nieder & Seiffge-Krenke, 2001; Seiffge-Krenke & Klessinger, 2000; Seiffge-Krenke & Stemmler, 2002; 2003; Weinstein & Alschuler, 1985).

Pretende-se com este trabalho fundamentar o posicionamento crítico relativamente ao problema. É desde já claro, todavia, que a literatura existente, a despeito de constituir base fundamental para o desenvolvimento da investigação, não é abundante no que se refere à construção de um ponto de vista psicológico sobre o problema da sobrequalificação em Portugal. Cuida-se, por isso, que a compreensão do fenómeno poderá contribuir para a promoção da qualidade da intervenção realizada junto dos adultos, nomeadamente no que à orientação vocacional respeita.

2. OBJETIVOS

O objetivo primordial desta investigação será o de compreender as formas como adultos que se autopercecionam como sobrequalificados fazem face a experiências de não emprego. Para tanto, procurar-se-ão respostas para um conjunto de perguntas nas quais se firma a finalidade deste projeto, tais como:

1. O que *era* o emprego? O que *é* agora? Que distância separa as duas realidades percebidas? Que diferenças qualitativas decorrem desta evolução/involução?
2. Que sentidos de si acalentam os indivíduos nestas condições?
3. Quais os efeitos nas suas narrativas de vida? “Desaparecem” as personagens? Interrompe-se a ação? Desafia-se a coerência das narrativas pela sucessão mais ou menos incontável de *cut-ups* (técnica narrativa desenvolvida pelos escritores da geração *beatnik*, como William Burroughs, Allen Ginsberg ou Jack Kerouac)? Fragiliza-se o sentido autobiográfico? Perde-se o estatuto de autor e/ou de protagonista?
4. Qual o impacto das crenças de autoeficácia na tomada de decisão e na ação dos sobrequalificados (e vice-versa)?
5. Que estratégias operacionalizam?

6. Como reagem ao desarmamento, à desvalorização, à obsolescência dos saberes? Ou como lidam, *a contrario sensu*, com a (des)culpa de que eles estão a mais, porque não têm lugar?
7. Qual a preponderância das *antigas* (ou ainda contemporâneas?) crenças no valor dos diplomas (*vd.* Azevedo, 1999a) – num contexto socioprofissional em que eles têm cada vez menos valor?
8. Quais os significados que os sujeitos atribuem à profissão, ao trabalho e/ou ao emprego? Que lugar ocupa esta dimensão na vida dos sujeitos? Na forma como se percebem? Nos projetos que traçam para o futuro? Na sua falta, com que respeito se avaliam (*vd.* Sennett, 2004)?
9. De que forma as políticas de criação de emprego se relacionam com a percepção subjetiva da incerteza? Até que ponto legitimam discursos de culpabilização da própria vítima? Neste caso, do não empregado – ou, melhor, daquele que, social e pretensamente, não quer trabalhar e que, então por isso, “desaproveita” todas as políticas e estratégias “à medida” da resolução do seu problema!? Não será até indecoroso tomar por preguiça, subsidi dependência, inaptidão, falta de competências ou qualificações, o facto de um indivíduo não trabalhar, não procurar ativamente emprego nem estar imediatamente disponível para o trabalho – ou não embarcar na retórica do empreendedorismo?
10. Finalmente, importará referir que nenhum trabalho de pesquisa diferirá a prioridade de clarificação dos conceitos envolvidos – adulto, não emprego, inatividade, subemprego, desemprego, trabalho, sobrequalificação, competência, só para adiantar alguns exemplos –, dadas as suas características polissémicas [ou poligâmicas, no dizer de Damásio, porque “casada[s] com um número demasiado grande de significados” (Damásio, 2000: 384)].

3. METODOLOGIA

Constituirão o objeto da investigação, adultos licenciados (ou com qualificação superior) que vivenciam, objetiva ou subjetivamente, experiências de não emprego (*vd.*, por exemplo, Laroque & Salanié, 2000; Pais, 2001), isto é, que não conseguem obter empregos correspondentes ao seu nível e/ou área de formação. Porque o campo é demasiado vasto, pretende limitar-se a observação àqueles que tenham concluído a formação superior, ou terciária [e, por isso, com formação igual ou superior a bacharelato, de acordo com a terminologia do ISCED-97 (Conselho Superior de Estatística, 2004)], há não mais que dez anos.

O estudo do fenómeno do não emprego de adultos sobrequalificados impõe métodos pós-lineares de aproximação aos alinhamentos e desalinhamentos de vida, às “lienações” (Pais, 2001: 87) e alienações, às ruturas e descontinuidades, à turbulência, à imprevisibilidade, à incerteza, ao *Zeitgeist*, enfim, cuja compreensão se quer aprofundar.

Como acompanhar os sentidos de si (re)construídos e atualizados face a situações múltiplas de não emprego? Como chegar a perceber o que fica gravado no si autobiográfico e adquire, por isso, não transitoriedade ou, de contrário, configura uma entidade marcada pela efemeridade de recriações da relação dialógica do sujeito com um objeto (*e.g.*, acontecimento) (Damásio, 2000)? Como gravar e articular a polifonia de sentidos, de significados permanentemente reformulados? Qual a melhor forma de compreender este fenómeno nada linear? Como observar e tratar as interconexões narrativas de retrospectivas, percepções, projeções?

De facto, exige-se uma reflexão acerca dos conteúdos e processos idiosincráticos de atribuição de significado, das regras gramaticais, lexicais, sintagmáticas e sintáticas utilizadas pelos sujeitos na exploração reconstitutiva da sua relação (dinâmica e de investimento) com o mundo (Campos, 1992; Campos & Coimbra, 1991). Isto, porque o processo de autoria das narrativas de vida permite aos sujeitos estruturar, configurar, conceptualizar, hierarquizar e atribuir coerência, propriedades e continuidade às vivências, aprendizagens, crenças pessoais. Só assim é possível ao sujeito integrar as suas experiências e organizar(-se para) a ação (*vd.*, por exemplo, Cochran, 1990; Damásio, 2000; Liebllich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998; Neimeyer, 2000; Pais, 2001; Parry & Doan, 1994; White & Epston, 1990).

Crê-se defensável e ajustado um dispositivo de avaliação que integre, essencialmente, duas metodologias: entrevistas e grupos de discussão focalizada. Estes representam entrevistas em grupo nas quais os participantes, entre seis e oito (normalmente), com qualificação similar, discutem tópicos lançados pelo moderador (Morgan, 1998). O recurso a esta metodologia justifica-se pela possibilidade de – através da promoção de linhas de comunicação multidirecionais sustentadoras de uma discussão ativa (Morgan, 1998) e através de processos de influência mútua – conhecer, edificar um maior entendimento das “razões pelas quais as pessoas pensam, acreditam e agem de determinada forma” (Eubanks & Abbott, 2003: 27). Representa, em suma, a intenção de evitar a individualização exclusiva na avaliação de um problema que, aqueles que o vivenciam, tendem a confundir com diversas dúvidas acerca da eficácia pessoal, agravadas, para mais,

por uma dificuldade significativa em perceber que as estruturas sociais e culturais induzem esses sentimentos (Coimbra, 2005).

Poderá, contudo, e mediante a disponibilidade manifestada pelos sujeitos, optar-se ainda pela análise de apontamentos biográficos ou diários. Pese embora a fundamentabilidade da observância de critérios comuns à investigação científica, como o rigor, a objetividade, a intencionalidade, o objetivo será sempre passar dos relatos aos conteúdos de vida e processos psicológicos subjacentes, partir das subjetivações para o aprofundamento de realidades singulares, (por si) significativas e não traduzíveis, na sua complexidade, em correlatos numéricos (*vd.* Cottle, 2001). Não se pretende, por isso, produzir estatísticas capazes de “representar o mundo; basta a representação do[s] caso[s]. Aliás, um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir” (Pais, 2001: 109).

De entre as variáveis que se revestem de especial importância na compreensão do fenómeno destacam-se, nas independentes, idade e experiência profissional (tempo empregado e desempregado), género, existência de cônjuge ou companheiro(a) e sua situação profissional, dependentes, situação financeira, formação (*vd.*, por exemplo, Kaufman, 1982; Jerusalem & Mittag, 1999). Nas dependentes, salientam-se: gravidade autoavaliada do desemprego, duração provável do desemprego, anomia, autoestima, irritação, agressividade, ressentimento (*resentment*), sobrecarga (*burden*), satisfação com a vida, rigidez das alternativas vocacionais, intensidade das necessidades (de segurança) (Kaufman, 1982), desespero (Marris, 1996), vergonha, trauma (Cottle, 2001), autoeficácia generalizada, valorizações cognitivas (o desemprego é encarado como desafio, ameaça ou perda?) (Bandura, 1997; 1999; Jerusalem & Mittag, 1999), ansiedade (Kaufman, 1982; Jerusalem & Mittag, 1999), apoio social (Kaufman, 1982; Law, 1991; Watts, 1984), autoculpabilização e depressão (Kaufman, 1982; Watts, 1984), centralidade psicológica do trabalho, significados pessoais atribuídos à experiência de trabalho (Gonçalves & Coimbra, 2002; Kaufman, 1982), obsolescência profissional percebida (Almeida, 2003; Cruz, 2003; Kaufman, 1982), capacidade de tomada de decisões (Kaufman, 1982).

Não será despidendo salientar, à guisa de conclusão, que o dispositivo metodológico que aqui se apresenta configura um projeto que, enquanto tal, se propõe lançar pistas para uma investigação que importará continuar a desenvolver, na certeza, porém, de que a sua natureza de incompletudes requer aturados aprofundamentos.

4. *POST SCRIPTUM*

Este texto apresenta o plano de uma investigação que ainda não foi realizada. Não obstante, parece-nos que a pertinência do tema não só não tem esmorecido, como, aliás, de 2007 (ano em que foi redigido o texto) para cá, tem vindo até a ganhar evidência e crescente relevância. Importaria que, em tempo de “crises” – financeira, desde logo, e com ela (quase) tudo o resto –, a sobrequalificação não fosse usada como argumento para legitimar mais uns quantos “cortes”, em resultado de uma leitura simplista e apressada do problema, e adiar para outros futuros a aposta no aperfeiçoamento de todos e o repensar de lógicas de trabalho e de criação, isto é, de organização social – que têm revelado estar pouco ou nada ao serviço do aperfeiçoamento e da dignidade da pessoa humana.

Para terminar, apenas sublinhar que a personificação hiperpsicologizada dos “mercados” (que estão “nervosos”, que sentem desconfiança...) parece alimentar-se da despersonificação desindividuada dos cidadãos, dos trabalhadores, dos desempregados... das pessoas, bem como da redução das “regalias” sociais, do reforço de representações que fazem de cada um de nós um “empecilho”: porque é criança (dependente) e requer atenção e investimento (também financeiro) permanente, porque é “velho” e um “peso” para todos, porque é deficiente ou está doente e não produz riqueza como os demais, porque está desempregado ou vive de subsídios ou da economia informal ou de não querer trabalhar...

Neste quadro – e em qualquer outro, de resto –, a educação é uma regalia. E de que maneira! Dizê-lo não significa fazer dela (da educação, da aprendizagem, da cultura, do conhecimento) panaceia para a falta de emprego ou – lembrando a justíssima inquietação de Horkheimer e Adorno (1987/2002), recorrente, aliás, na obra de George Steiner – para as atrocidades dos nossos séculos XX e XXI. É bem ao contrário: significa responsabilizar também tudo o resto, para que a culpa não morra solteira, e sobretudo para que a esperança em dias melhores seja construída por todos, na escola e para além dela; ou para que as funções culturais e políticas da educação – de privilégio a direito e, mais tarde, a dever – não acabem por transformá-la num suplício.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, João Ferreira de (2003). Contextos, regularidades e aprendizagens sustentáveis. In VÁRIOS AA. *Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 195-206.

- AMORIM, José Pedro (2006). *O Impacto da Educação e Formação de Adultos no Desenvolvimento Vocacional e da Cidadania – A metamorfose das borboletas*. Lisboa: Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- ARENDT, Hannah (1958/2001). *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio D'Água.
- AZEVEDO, Joaquim (1999a). *Ensino Superior: Uma fuga para a frente?* [disponível online em www.joaquimazevedo.com/docs/Ensupfug.zip, em 13.2.2002].
- AZEVEDO, Joaquim (1999b). *Voos de Borboleta – Escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições Asa.
- AZEVEDO, Joaquim (2000). Leitura de Síntese. Inteligência política, estratégia, mobilização social e realização de compromissos sociais. In CARNEIRO, Roberto (dir. e coord.) et al. *O Futuro da Educação em Portugal: Tendências e oportunidades. Tomo III – As dinâmicas institucionais* (pp. 14-37). Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo [disponível online em http://www.giase.min-edu.pt/aval_pro/PDF/rcarneiro/Tomo3/tom_3_3.pdf, em 5.3.2006].
- AZEVEDO, Joaquim (2002). *O Fim de um Ciclo? A Educação em Portugal no início do século XXI*. Porto: Edições Asa.
- AZEVEDO, Joaquim (2004). *Ordem e Desordem na Educação Escolar*. [disponível online em www.joaquimazevedo.com/docs/OrdemeDesordemnaEducacaoEscolar.pdf, em 18.10.2005].
- AZEVEDO, Joaquim (2007a). Licenciados: o investimento compensa. *Jornal de Negócios*, 15 de janeiro de 2007, 41.
- AZEVEDO, Joaquim (2007b). O QREN e o último terço. *Jornal de Negócios*, 19 de fevereiro de 2007, 33.
- AZEVEDO, Joaquim & CASTRO, José Manuel (1996). *Qualificação Profissional Inicial de Jovens e Aprendizagem ao Longo da Vida*. [Comunicação à Conferência “O papel da orientação para a educação e a formação ao longo da vida”, Porto 10/11 de outubro de 1996.] [disponível online em www.joaquimazevedo.com/docs/Qualifi.zip, em 11.3.2002.]
- AZEVEDO, Joaquim & FONSECA, António M. (no prelo). *Imprevisíveis Itinerários de Transição Escola-Trabalho*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- BANDURA, Albert (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.
- BANDURA, Albert (1999). Ejercicio de la eficacia personal y colectiva en sociedades cambiantes. In BANDURA, Albert (Ed.) *Auto-Eficacia: Cómo afrontamos los cambios de la Sociedad Actual*. Bilbao: Desclée De Brouwer.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony & LASH, Scott (2000). *Modernização Reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. Oeiras: Celta Editora.
- BENAVENTE, Ana (coord.); ROSA, Alexandre; COSTA, António Firmino da & ÁVILA, Patrícia (1996). *A Literacia em Portugal: Resultados de uma pesquisa exten-*

- siva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Conselho Nacional de Educação.
- BLANCHARD, Olivier & PORTUGAL, Pedro (1998). *What Hides Behind an Unemployment Rate: Comparing Portuguese and U. S. Unemployment*. [disponível online em http://econ-www.mit.edu/faculty/download_pdf.php?id=801, em 18 de março de 2006.]
- CAMPOS, Bárto Paiva (1992). A informação na orientação profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.
- CAMPOS, Bárto Paiva (1993). Consulta psicológica nas transições desenvolvimentais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 9, 5-9.
- CAMPOS, Bárto Paiva & COIMBRA, Joaquim Luís (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- CAMUS, Albert (1948/2005). *O Mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Livros do Brasil.
- CARNEIRO, Roberto (2000). 2020: 20 anos para vencer 20 décadas de atraso educativo. Síntese do Estudo. In CARNEIRO, Roberto (dir. e coord.) et al., *O Futuro da Educação em Portugal: Tendências e oportunidades*. Tomo I – Questões de Método e Linhas Gerais de Evolução (pp. 26-77). Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo [disponível on-line em http://www.giase.min-edu.pt/aval_pro/PDF/rcarneiro/Tomo1/tom_1_4.pdf, em 5.3.2006].
- CASANOVA, Mariana, PACHECO, Lara & COIMBRA, Joaquim Luís (2010). New forms of uncertainty in the individualized society: Adaptation and validation of the uncertainty response scale (URS, Greco & Roger, 2001) to Portuguese population and the creation of a scale on the perception of uncertainty in the social context and its psychological consequences. In S. T. Menon (ed.), *Competing Values in an Uncertain Environment: Managing the paradox*. Los Angeles, CA: ISSWOV, International Society for the Study of Work and Organizational Values.
- COCHRAN, Larry (1990). Narrative as a Paradigm for Career Research. In YOUNG, Richard & BORGES, William (eds.), *Methodological Approaches to the Study of Career* (71-86). New York: Praeger.
- COIMBRA, Joaquim Luís (1991). *Estratégias Cognitivo-Desenvolvimentais em Consulta Psicológica Interpessoal. Prova Complementar referida na alínea b) do artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 388/70 apresentada para prestação de provas de doutoramento em Psicologia e realizada sob a orientação do Prof. Doutor Bárto Paiva Campos*. Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- COIMBRA, Joaquim Luís (1997/1998). O meu “grande” projecto de vida ou os meus “pequenos” projectos: linearidade ou recorrência no desenvolvimento vocacional e suas implicações educativas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13-14, 21-27.

- COIMBRA, Joaquim Luís (2005). Subjective perceptions of uncertainty and risk in contemporary societies: Affective-educational implications. In MENEZES, Isabel; COIMBRA, Joaquim Luís & CAMPOS, Bárto Paiva (2005). *The Affective Dimension of Education: European perspectives*. Porto: Centro de Psicologia e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- COIMBRA, Joaquim Luís; PARADA, Filomena & IMAGINÁRIO, Luís (consultor) (2001). *Formação ao Longo da Vida e Gestão da Carreira*. Lisboa: Direção-Geral do Emprego e Formação Profissional. [disponível online em http://www.dgefp.msst.gov.pt/doc_emprego/cadernos33.pdf, em 14.3.2006.]
- CONSELHO SUPERIOR DE ESTATÍSTICA (2004). 278.^a *Deliberação do Conselho Superior de Estatística. Utilização da ISCED-97 no âmbito do sistema estatístico nacional e para efeitos de resposta a questionários internacionais*. [disponível online em <http://www.ine.pt/apresent/cse/pdf/278.pdf>, em 10.3.2006]
- COSTA, Alfredo Bruto da (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- COSTA, Maria Emília & MENEZES, Isabel (1991). Consulta psicológica de adultos em centros comunitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 77-82.
- COTTLE, Thomas J. (2001). *Hardest Times: The trauma of long term unemployment*. Westport: Praeger Publishers.
- CRESPO, Carla; GONÇALVES, Carlos & COIMBRA, Joaquim Luís (2001). *A Formação no Mundo Global: Um dispositivo na promoção de competências transversais. Comunicação apresentada no III Encontro Internacional de Galicia e Norte de Portugal de Formação para o Trabalho: Novos horizontes para a formação profissional, Santiago de Compostela, 29 e 30 de novembro de 2001*. [disponível online em http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=Ao12o&area=d7&subarea=3, em 2.3.2006.]
- CRUZ, Manuel Braga da (2003). [Introdução]. In VÁRIOS AA. *Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 67-68.
- DAMÁSIO, António (2000). *O Sentimento de Si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DAMÁSIO, António (2003). *Ao Encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DELORS, Jacques; MUFTI, In'am Al; AMAGI, Isao; CARNEIRO, Roberto; CHUNG, Fay; GEREMEK, Bronislaw; GORHAM, William; KORNHAUSER, Aleksandra; MANLEY, Michael; QUERO, Marisela Padrón; SAVANÉ, Marie-Angelique; SINGH, Karan; STAVENHAGEN, Rodolfo; SUHR, Myong Won & NANZHAO, Zhou (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Porto: Asa e UNESCO.
- DORE, Ronald (1978). *The Diploma Disease. Education, qualification and development*. London: George Allen & Unwin.

- EUBANKS, Philip & ABBOTT, Christine (2003). Using focus groups to supplement the assessment of technical communication texts, programs, and courses. *Technical Communication Quarterly*, 12, 1, 25-45.
- FELLER, Rich & WALZ, Garry (Eds.) (1997). *Career Transitions in Turbulent Times: Exploring work, learning and careers*. Greensboro: Eric Counseling & Student Services Clearinghouse.
- FREIRE, Paulo (1974). *Uma Educação para a Liberdade*. Porto: Textos Marginais.
- GONÇALVES, Carlos & COIMBRA, Joaquim Luís (2002). *Significados Construídos em Torno da Experiência Profissional/Trabalho. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza: "Integração das Políticas e Sistemas de Educação e Formação – Perspectivas e Desafios"*. Porto, 28-29 de novembro de 2002. [disponível online em http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=Ao119&area=d7&subarea=3, em 2.3.2006.]
- GORZ, André (1989). *Critique of Economic Reason*. London: Verso.
- GORZ, André (2003). *L'Immatériel. Connaissance, valeur et capital*. Paris: Éditions Galilée.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. (1987/2002). *Dialectic of Enlightenment: Philosophical fragments*. Stanford: Stanford University Press.
- IMAGINÁRIO, Luís (2001a). *Balanço de Competências: Discursos e práticas*. Lisboa: Direção-Geral do Emprego e Formação Profissional.
- IMAGINÁRIO, Luís (2001b). *Os Sistemas de Apoio Social e a Gestão do Risco Económico de Desemprego. Experiências e perspectivas de reforma na União Europeia*. Documento policopiado.
- IMAGINÁRIO, Luís (2003). Empregabilidade versus profissionalidade?! *Revista Formar*, Número Especial, dezembro, 13-19.
- IMAGINÁRIO, Luís (2005). A formação profissional e a universidade. *Revista Formar*, n.º 53, outubro-dezembro, 26-34.
- IMAGINÁRIO, Luís (coord.) et al. (1998). *Adaptação/Reinserção Profissional dos Adultos Pouco Escolarizados*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- JERUSALEM, Matthias & MITTAG, Waldemar (1999). Auto-eficacia en transiciones vitales importantes. In BANDURA, Albert (ed.). *Auto-Eficacia: Cómo afrontamos los cambios de la Sociedad Actual*. Bilbao: Desclee De Brouwer, pp. 155-176.
- KAUFMAN, H. G. (1982). *Professionals in Search of Work. Coping with the stress of job loss and underemployment*. New York: Wiley-Interscience.
- LAROQUE, Guy & SALANIÉ, Bernard (2000). Une décomposition du non-emploi en France. *Economie et statistique*, 331, 47-66. [disponível online em http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/ES331C.pdf, em 18.3.2006]
- LAW, Bill (1991). Community interaction in the theory and practice of careers work. In CAMPOS, B. P. (ed.), *Psychological Intervention and Human Development*. Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento, pp. 151-162.

- LIEBLICH, Amia; TUVAL-MASHIACH, Rivka & ZILBER, Tamar (1998). *Narrative Research. Reading, analysis, and interpretation*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- LIMA, Licínio (2003). Formação e aprendizagem ao longo da vida: Entre a mão direita e a esquerda de Miró. In VÁRIOS AA. *Cruzamento de Saberes, Aprendizagens sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 129-148.
- MARCUSE, Herbert (1955). *Eros et civilisation, contribution à Freud*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- MARRIS, Peter (1996). *The Politics of Uncertainty: Attachment in private and public life*. London: Routledge.
- MAZI, Domenico de (1999). *O Futuro do Trabalho. Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: UnB José Olympio.
- MÉDA, Dominique (1999). *O Trabalho. Um valor em vias de extinção*. Lisboa: Fim de Século.
- MORGAN, David (1998). *The Focus Group Guidebook. Focus Group Kit 1*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- NEIMEYER, Robert (2000). Narrative disruptions in the construction of the self. In NEIMEYER, Robert & RASKIN, Jonathan (eds.), *Constructions of Disorder. Meaning-making frameworks for psychotherapy* (207-242). Washington DC: American Psychological Association.
- NIEDER, Tanja & SEIFFGE-KRENKE, Inge (2001). Coping with stress in different phases of romantic development. *Journal of Adolescence*, 24, 297-311.
- NIETZSCHE (1872/1998). *A Origem da Tragédia*. Lisboa: Lisboa Editora.
- NIETZSCHE, Frederico (1886/1987). *Para Além de Bem e Mal*. Lisboa: Guimarães Editores.
- NIETZSCHE, Friedrich (1882/1998). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- NIETZSCHE, Friedrich (1887/2000). *Para a Genealogia da Moral*. Lisboa: Relógio D'Água.
- NÓVOA, António (2005). *Evidentemente: Histórias da educação*. Porto: Edições Asa.
- OBSERVATÓRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR (s/d a). Diplomados no Ensino Superior em 2004-2005. [disponível online em http://www.oces.mctes.pt/index.php?id_categoria=21&id_item=142821&pasta=45, em 21.2.2007.]
- OBSERVATÓRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR (s/d b). Doutoramentos realizados ou reconhecidos por universidades portuguesas (1970-2005). [disponível online em http://www.oces.mctes.pt/?id_categoria=21&id_item=114631&pasta=45, em 21.2.2007]
- PAIS, José Machado (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar.
- PARRY, Alan & DOAN, Robert (1994). *Story Re-Visions. Narrative therapy in the post-modern world*. New York: Guilford Press.
- RIFKIN, Jeremy (1996). *O fim dos empregos. O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books.
- RIVERIN-SIMARD, Danielle (1996). Le concept du chaos vocationnel: un pas théorique à l'aube du XXI siècle? *L'Orientation scolaire et professionnelle*, 25, 4, 467-487.

- SEIFFGE-KRENKE, Inge & KLESSINGER, Nicolai (2000). Long-term effects of avoidant coping on adolescents' depressive symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 6, 617-630.
- SEIFFGE-KRENKE, Inge & STEMMLER, Mark (2002). Factors contributing to gender differences in depressive symptoms: A test of three developmental models. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 6, 405-417.
- SEIFFGE-KRENKE, Inge & STEMMLER, Mark (2003). Coping with everyday stress and links to medical and psychosocial adaptation in diabetic adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 33, 180-188.
- SENNETT, Richard (2001). *A Corrosão do Carácter. As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Lisboa: Terramar.
- SENNETT, Richard (2004). *Respeito: A formação do carácter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record.
- SUPPLY, Eduardo Matarazzo (2002). *Renda de cidadania: a saída é pela porta*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Cortez Editora.
- WATTS, A. G. (1984). *Education, Unemployment and the Future of Work*. England: Open University Press.
- WEINSTEIN, Gerald & ALSCHULER, Alfred (1985). Educating and counseling for self-knowledge development. *Journal of Counseling and Development*, 64, 19-25.
- WHITE, Michael & EPSTON, David (1990). *Narrative Means to Therapeutic Ends*. New York: Norton & Company.

ABSTRACT: In contemporary Western societies, it seems that we are witnessing a worsening of the sense of uncertainty, a decrease of social cohesion and, simultaneously, an increase of vocational alternatives and possibilities of choice. The goal of this project is then related to the way that graduated adults perceive themselves when facing non-employment situations, that is, when they cannot obtain an employment in their qualification level and/or training area. In addition, we try to understand what are the strategies implemented by individuals to deal with these developmental transitions. We believe this work has scientific relevance, because it is about an understudied problem in Portugal, and social pertinence, also, given the fact that it refers to a significant set of unemployed people, to which we must add the numbers of "inactive" (available and discouraged) and underemployment (visible and perceived) that are not part of the official statistics.

KEYWORDS: overqualification, higher education, employment, adult education and training.